



ACRE

Canhoneira

Incorporação: 1906.

Baixa: 11 de março de 1921.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Canhoneira fluvial tipo "*Melik*", construída na Inglaterra nos estaleiros de *Yarrow & Company*, sendo Ministro da Marinha o Contra-Almirante Júlio César de Noronha. Ao ser incorporada a Armada em 1906 foi destinada à Flotilha do Amazonas. Era similar às canhoneiras *Amapá*, *Juruá*, e *Missões*, tinha as seguintes características: casco de aço com o comprimento de 36,30m; 6,60m de boca e 0,85m de calado.

Deslocava 110t e dispunha de uma caldeira *Yarrow*, que acionava máquina alternativa de 350 cv. Tinha uma chaminé e uma hélice. Desenvolvia velocidade normal de 11 milhas e



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



no modo econômico 6 milhas, consumindo sete toneladas de carvão em 24 horas e com a capacidade das carvoeiras de 22 toneladas de carvão. Era iluminada a luz elétrica e dispunha de holofote. Seu armamento constava de um morteiro *Ho Witzer* de 87mm, dois de 57mm e seis metralhadoras, de 7mm *Maxim*.

Recebeu o nome do território nacional de 191.000 quilômetros quadrados na bacia do Rio Purus, cedido pela Bolívia ao Brasil. É nome também de um rio o *Acre* ou *Aquiri* (de Akir-y - rio Verde em tupi-guarani) tem suas cabeceiras nas serranias que separam as bacias do Purus, do Ucaiale e afluentes do Madeira; o principal manadeiro está na lat. 10°56 05", 44S., e long. 70° 31 46", 89 W. de Greenwich, segundo o Almirante Ferreira da Silva. Corre o rio de oeste para leste, separando o Brasil do Peru numa extensão de 167 Km, 514 m e 47 cm, até receber pela direita o rio Iaverija, onde começa a dividir o Brasil da Bolívia numa extensão de 134,5 Km, até receber pela direita o Igarapé da Bahia, penetrando então em território brasileiro com rumo geral sul para o norte. Corre em território brasileiro 680 quilômetros e 840 metros, e banha as Cidades de Inapari, peruana, Cobija, boliviana, Brasília, Rio Branco e Benjamim Constant, brasileiras. A navegação é feita em gaiolas até Cobija durante a cheia (dezembro a maio) e até Rio Branco em outra época. A Bacia do Acre é unilateral, pois seus afluentes importantes são todos da margem esquerda: o Xapuri, Riozinho e Antimari, escreve L. Figueiredo.

A canhoneira *Acre*, incorporada à Flotilha do Amazonas, com sede no Pará, arvorou por longo tempo o pavilhão de capitânia. Foi seu primeiro comandante o Capitão-Tenente Oscar Gitahy de Alencastro, seguido do Primeiro-Tenente Galdino Pimentel Duarte, do Primeiro-Tenente Oscar de Mello e do Capitão-Tenente José Paulino Rodrigues.

Pelo Aviso no Ministro da Marinha n.º 2.216, de 4 de maio de 1914 foi elevada à categoria de 3ª classe. De 26 de outubro a 31 de dezembro do mesmo ano esteve fundeada no Porto de Belém. Pelo Aviso reservado n.º 2.781, de 25 de junho de 1918 ficou a Flotilha do Amazonas incorporada à Divisão do Norte. A 23 de agosto de 1917 foi nomeado seu comandante o Capitão de Corveta Vicente Augusto Rodrigues, sendo exonerado em 14 de novembro de 1918. O Capitão-Tenente José Pereira de Lucena comandou-a até 21 de março de 1920. Durante todo o ano de 1918, de 1919 e de janeiro a março de 1920 esteve esta



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



canhoneira inativa no Porto de Belém. Pelo Aviso n.º 885, de 11 de março de 1921, publicado em Ordem do Dia n.º 20, de 14 daquele mês, foi mandado dar-lhe baixa do serviço.